

“Quarenta anos atrás”

D. Frances

Quarenta anos atrás, eu vim ao Brasil, pela primeira vez. Eu tinha 49 anos de idade e meu marido Fred, 63. Ele era professor de Psicologia da Columbia University em Nova York. Nós vivíamos em Terrafly, N. J., um subúrbio de Nova York. Nosso filho John tinha recém entrado na faculdade e nossa filha Anne, casado recentemente. Fred tinha um sabático para gozar no ano de 1961. Ele falou sobre isso com uma estudante e ela deu essa informação, no Brasil, para o reitor Paulo Sawaya. Para surpresa de Fred, ele recebeu um telegrama do reitor convidando-o para passar seu ano sabático na Universidade de São Paulo. Esse foi o começo das cousas que mudaram nossa vida para sempre. Naquele tempo, enviar e receber cartas era incerto e demorado. No entanto, apesar da inflação crescente, o reitor Sawaya assegurou a Fred que ele podia ter auxílio extra da Fundação Fulbright e que poderíamos viver confortavelmente e até mesmo ter uma empregada. Uma experiência nova para mim. Eu estava pessimista com o que aconteceria, mas Fred perseverou e até mesmo fez um curso de Português. As únicas palavras que aprendi foram: Bom dia, Boa noite, obrigado, sim senhor e uma frase que eu repetia: “O meu nome é João Brown”. Fred havia comprado um disco. Nesse meio tempo, Anne ficou grávida e seu marido John Farmer aceitou uma colocação em um College em Long Island. Era uma longa distância dirigindo de nossa casa até a ilha, mas eles concor-

daram em olhar nossa casa para nós, temporariamente. Fred aceitou o convite do reitor e, num dia frio de inverno, nós saímos de um aeroporto em Nova York e chegamos ao Rio na manhã seguinte. A temperatura era aproximadamente 100° F. Passar nossa bagagem com excesso de peso na alfândega foi caótico, mas um representante da Fundação Fulbright veio nos socorrer. Professora Carolina Martuscelli Bori e um representante da Universidade nos encontraram no aeroporto de São Paulo. Fomos levados para o hotel Excelsior e jantamos lá à noite com Dona Carolina. Ela era muito gentil e nos forneceu informações que solicitávamos.

O reitor Sawaya não era mais reitor. Seu substituto era o homem que estava com ela no aeroporto.

O departamento de Psicologia era em dois lugares. Fred poderia escolher entre eles. A antiga ou a nova Universidade. A mãe de uma estudante, Maria Inês Rocha e Silva, falava inglês e se ofereceu para ajudar-nos a encontrar um apartamento.

No dia seguinte nos mudamos temporariamente para o Hotel Grand Park. Lá, os bondes e os ônibus chegavam e nos impediam de dormir, todas as noites. Após uma semana, Dona Mausi encontrou um apartamento mobiliado, para nós, na Avenida São João e o alugou pela duração de nossa permanência. Buzinas substituíram os bondes. Fred pegava todos os dias um bonde para a Universidade. Eu fazia a

compra de mantimentos em um Peg-Pag vizinho, localizado do outro lado de uma avenida movimentada. Eu rezava, a cada vez, para uma volta segura e freqüentemente voltava para casa com alimentos que não havia comprado. Aprendi uma nova frase: “eu não falo português”.

Eu lavava roupa a mão, em um tanque perto da pequena varanda, principalmente porque estava com medo de falar, mas também porque havia uma diminuição das verbas do governo. Chegou um telegrama de uma editora de N.Y oferecendo a Fred \$1.000 se ele fosse lá e editasse um livro. Ele foi e eu lembro que \$14 ficaram entre o jejum e eu. Em retrospecto, considero que foi uma experiência gratificante. Aprendi alguma coisa sobre sobrevivência.

Logo após termos chegado ao Brasil, Lourdes e Oswaldo Pavan se comunicaram conosco e nos convidaram para jantar um peixe recém pescado. Nos apresentaram a Ruth e Simon Matheus e, mais tarde, para Betty e Frota Pessoa, através de quem encontramos Susana e Roberto Coelho. Depois disso, a lista de pessoas que encontramos representa muitas profissões. Os Coelho mudaram da Califórnia para o Brasil em meados dos anos 40. Tinham uma linda casa no Morumbi, dois filhos jovens, ambos formados em Stanford, onde tornaram-se arquitetos. Susana logo tornou-se uma filha substituta. Sua casa era um paraíso.

Eu voltei para os E.U.A. para o nascimento de meu neto. Decidimos vender nossa casa e entre preparar a mudança e a chegada do bebê foi um período trabalhoso para mim. Perdi a Revolução no Brasil mas ouvi sobre ela quando voltei. O dia do pagamento chegou. Fred voltou para casa com dinheiro sob sua camisa. Parecia Papai Noel. Essa noite sentamos na mesa da sala com uma lista de coisas para pagar. Foi um alívio das obrigações.

Tivemos muitas viagens agradáveis ao Guarujá, Rio e São Sebastião e comparecemos a

reuniões durante esse período. Fanny e Enrique Fix (pais de Dora Ventura) nos levaram a Ouro Preto. Tivemos um período maravilhoso e Dona Maria Ines Rocha e Silva foi conosco. Outra viagem com Rodolpho Azzi (assistente de Fred) a Rio Preto é lembrada em seus escritos. Eu não mantenho um diário, por isso perdoe-me pela memória pobre. Maria Amélia Matos e Dora Fix receberam PhD pela Columbia University e Maria Inês Rocha e Silva pela Indiana University. Tê-las em nosso país foi uma maneira de ter o Brasil perto de nós.

Mudamos então para o Arizona nos anos 70. João Cláudio Todorov e Silvia chegaram. Estivemos juntos em sua casa e na nossa, muitas vezes. Dona Carolina Bori e seu filho nos visitaram. Mario era um garoto. Nós mudamos do Arizona para Washington, D.C., para Michigan, para Aiken, S.C. e finalmente para Chapel Hill, N.C. Cada lugar parecia um lar quando os brasileiros chegavam. Nós não poderíamos nunca esperar retribuir a hospitalidade que recebemos de muitos de vocês. Mario Guidi, Margarida e Friedle Winholz nos hospedaram, como também os Todorov em Brasília. Lino, Belmira Neto e família, Luiz Oliveira (Washington) a família dos Gorayeb – Lincoln (C. Hill) Luis Otávio (Michigan) Isaiás – Clotilde e Sérgio, Hélio, Rachel e José Kerbauy, Daisy de Souza, Angela Branco.

São Paulo não é como a conhecemos em 1961. Eu lembro de um shopping perto da Avenida Paulista. Supermercados não existiam e havia menos crime e poucas pessoas pobres pedindo dinheiro. As estradas entre São Paulo e Ribeirão Preto não eram todas asfaltadas e os lugares para comer, poucos e distantes entre eles, sem motéis e toaletes limpos. Fiquei surpresa quando voltamos em 1974. Eu poderia continuar e continuar mas vou poupar vocês e terminarei dizendo: Não importa quem sejam vocês, eu os amo. Até logo e Deus os abençoe.

Forty years ago, I came to Brazil, for the first time. I was 49 years of age and my husband, Fred, was 63. He was a Professor of Psychology at Columbia University in N. Y. C. We lived in Tenafly, N. J., a suburb of N. Y. Our son, John, had just entered college and our daughter, Anne, had recently married. Fred had a sabbatical leave for the ^{coming} year 1961. He mentioned this to a student from whom she returned ~~to~~ ^{from} Brazil, she relayed this information to Dean Paulo Savaya. Much to Fred's surprise, he received a telegram from the Dean inviting him to spend his ~~substituted~~ year at the Universidade de São Paulo. That was the beginning of things that changed our lives forever. Mail delivery was slow and uncertain, in those days. However, despite ever rising inflation, Dean Savaya assured Fred that, if he could get additional help from the Fulbright Foundation, we could live comfortably and even have a maid. A new experience for me!! I was pessimistic about the outcome, but Fred persevered and even took a short course in Portuguese at ~~Columbia~~. The only words I learned were Bom dia, Boa noite, obrigado, Sim Senhor and a phrase I heard repeatedly O meu nome é João Brown. Fred had purchased a record. By this time, Anne was pregnant and her husband John Farmer had accepted a teaching position at a college on Long Island. It was a long drive from our house to the island but they agreed to keep

house for us on a trial basis. Fred accepted the Dean's invitation and on a cold winter day we left from an airport in N. Y. and arrived in Rio the following morning. The temperature was about 100[°] F. Getting our overweight belongings through Customs was chaotic but eventually a representative from the Fulbright Foundation came to our rescue. Professor Carolina Martucelli Bai and a Dean from the University met us at the airport in S. P. We were taken to the Hotel Esplanada and dined there that evening with Dona Carolina. She was most gracious and provided us with much needed information.

Dean Savaya was no longer Dean. His replacement was the ^{man who} met us at the airport.

The Psychology department ^{was located in} had two locations ~~and~~ Fred could choose between them. The old or the new University. The mother of a student, Maria Inez Rocha e Silva, spoke English and ^{she} volunteered to help find living quarters for us.

The following day we moved ^{temporarily} to the Hotel Grand Lapa. There the buses and omnibuses converged and roared us to sleep each night. About a week later Dona Mauri found a furnished apartment for us on the Avenida Sao Joao. There, ~~from the 14th floor~~ ^{from the 14th floor} the settling in for the duration. ^{of our stay} Standing beams and fire-works replaced the tremors. Fred took a bonde to the University each day. I shopped for groceries at a nearby kiddy-lag located on the other side of a busy highway. I prayed for a safe arrival each time I made the crossing and often came home with food I hadn't ordered. I learned a new phrase - Eu não

3

falo Portuguese. I washed clothes, by hand, in a sink on the rear balcony mainly because I was afraid to speak but also because there was a shut down of Government funds. A telegram arrived from a book publisher in N. Y. offering Fred \$1,000. if he would come there to edit a book. He went and I remained with \$14. between me and starvation. In retrospect it was a rewarding experience. I learned something about survival.

Shortly after we arrived in Brazil, Lourdes and Oswald's Laran called on us and treated us to a freshly caught, fish dinner. They introduced us to Ruth and Simon Mathews and later to Betty and Fritz Lesica. Through them we met Susanna and Roberto Coelho. After that the list of people we met represented many professions. The Coelho's moved from California to Brazil in the mid 40's. They had a lovely house in Morumbi, two young sons and both graduated from Stanford where they became Landscape Architects. Susanna soon became a substitute daughter. Their home was a haven!

I returned to the U. S. for the birth of our grandson. We decided to sell our house so between packing and the baby's arrival it was a busy time for me. I missed the Revolution in Brazil but heard about it when I returned. My day arrived. Fred came home with piles of paper money under his shirt. He looked like Santa Claus! That night we sat at the dining room table with a roll of scotch tape to mend the torn bills. It was quite an undertaking!

We had many pleasant trips to Guaraja, Rio, and Sao Sebastiao and attended meetings with stops along the way. Fanny and Enrique (Dora Ventura's parents) drove

up to Ours Preto. We, six, had a marvelous time. Dora, Maria Ines Rocha e Silva were with us. Another trip, with Rudolpho Azzi (Fred's Assistant) to Rio Preto is recalled at this writing. I did not keep a journal so forgive me and my poor memory. Maria Amelia Matos and Dora ~~they~~ received Ph.D. degrees from Columbia University and Maria Ines Rocha e Silva received hers at Indiana University. Having them in our country brought us closer to Brazil. When we moved to Arizona in the 70's João Claudio Todorov and Silvia arrived. They've lived together in their house and ours many times since. Dona Carolina Baur and her son visited us there. Mario was a little boy then. We moved from Arizona to Washington, D.C. to Michigan, to Aiken, S.C. and finally to Chapel Hill, N.C. Every place ~~was~~ became more like home when Brazilians arrived. We could never hope to return the hospitality we received from so many of you. Maria Guidi

Marguerita and Friedle Wendelg took us into their home as did the Todorov's in Brasilia. Lina, Belmira Neto's family Luis de Oliveira (Washington) The Harjedy family - Lincoln ^{in Ex. Hill} Daphne Patner Luis Otavio (Michigan) Isaias - Clotilde - George Rachel and Jose Karbusz Dany de Souza Angela Branco

Sao Paulo is not as I knew it in 1961. I remember one shopping mall near Avenida Paulista. Super mercados were non-existent, there was less crime and fewer people begged for money. The roads between Liberao Preto and S. P. were not all paved and places to stop for food were few and far between - no motels or clean rest rooms. I was amazed at the changes when we returned in 1974. I could go on, and on, and on but I'll spare you and close by saying

Wherever you are - I love you

Até logo and God Bless